
**Uma história, muitas mídias:
análise de adaptações de *Jerônimo, o herói do sertão***

**One story, many media:
analysis of adaptations of *Jerônimo, o herói do sertão***

Karyme FRANÇA³⁵
Fernando MORGADO³⁶

RESUMO

O presente artigo discute as possibilidades adaptativas de *Jerônimo, o herói do sertão* no rádio, na TV e nos quadrinhos. Emprega o método de análise documental, inserido no âmbito da análise de conteúdo. A partir do material selecionado, identifica os recursos empregados pelo autor para preservar elementos importantes nas versões, mantendo a essência e a compreensão da obra.

PALAVRAS-CHAVE: adaptação; análise documental; radioteatro; telenovela; história em quadrinhos.

ABSTRACT

The present article discuss the multiple possibilities of adaption for *Jerônimo, o herói do sertão* to radio, TV and comics. Using the documentary analysis method, inserted in the scope of the content analysis method. From the selected material, were identified the resources used by the author to preserve the most important elements in the subsequent versions, maintaining the essence and understanding of the work.

KEYWORDS: adaptation; documental analysis; radio drama; soap opera; comics.

INTRODUÇÃO

Jerônimo, o herói do sertão, série criada pelo jornalista Moysés Weltman (1932-1985), nasceu para aproximar a audiência masculina dos radioteatros, que, até então, eram majoritariamente ouvidos por mulheres. Tal necessidade surgiu do interesse da indústria farmacêutica Sidney Ross em divulgar seus lançamentos para homens (SALVADOR, 2010).

³⁵ Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Radialismo (2018) pela Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha). E-mail: karymefranca@gmail.com

³⁶ Orientador do trabalho. Professor da Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) e Coordenador-adjunto do Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS. E-mail: contato.fernandomorgado@gmail.com

Sob o patrocínio de Melhoral, da Sidney Ross, *Jerônimo, o herói do sertão* estreou em dezembro de 1952, era transmitido diariamente às 18h35min e tinha um roteiro inspirado nas histórias de *cowboys* estadunidenses. Montado seu cavalo, chamado Príncipe, e acompanhado de seu fiel escudeiro, o Moleque Saci, e de sua noiva, Aninha, Jerônimo lutava para proteger pobres e oprimidos. Um de seus inimigos mais corriqueiros era o Caveira, um capanga cruel e poderoso que contava com o auxílio do malvado e atrapalhado Chumbinho.

Jerônimo: o herói do sertão permaneceu durante mais de dez anos na Rádio Nacional e ganhou diversas adaptações. Entre 1957 e 1966, foi vendido como história em quadrinhos e, assim como no rádio, teve roteiro escrito por Weltman. Na TV, a primeira adaptação foi feita pela Tupi entre 1972 e 1973 na forma de telenovela, com capítulos de 30 minutos também escritos por Moysés Weltman. Já a segunda versão surgiu em 1984, no SBT (FERNANDES, 1997). Foram lançadas ainda versões para disco, cinema e circo.

O objetivo do presente artigo é identificar até que ponto as escolhas realizadas nas adaptações para várias mídias do radioteatro *Jerônimo: o herói do sertão* contribuíram para a manutenção do entendimento da história, do sentido e do vínculo com a proposta inicialmente criada pelo autor.

A realização de uma obra audiovisual pressupõe diversas decisões por parte do roteirista, do diretor e dos demais profissionais que nela atuam. Ao optar pela adaptação, grande parte dessas decisões já foram previamente tomadas e estão dadas. Isso traz certa segurança, pois ideias originais contam com um fator surpresa que nem sempre se converte em resultados positivos – seja de crítica, de público ou mesmo de bilheteria. Partindo-se de um roteiro adaptado, lida-se com algum grau de previsibilidade. Tal condição pode se considerada positiva, principalmente quando se trata de produções audiovisuais que envolvem alto investimento – e risco – financeiro.

Quando adaptada, uma história pode sofrer tantas alterações que sua inspiração se torna quase irreconhecível. Mas o contrário também pode ocorrer: a trama, mesmo em outras plataformas, pode preservar alto grau de fidelidade com o roteiro original. São inúmeras as possibilidades, fazendo com que essa área de estudo seja bastante vasta e complexa.

O mercado das adaptações vive um momento de efervescência. Faculdades oferecem disciplinas dedicadas ao estudo da adaptação, enquanto premiações já incluem categorias

específicas para esse tipo de obra. Além disso, pode-se observar um número expressivo de adaptações no cinema. Apesar dessa grande evidência nos dias atuais, não se trata de um fenômeno recente, pois pode ser observado ao longo de toda a história do audiovisual. No Brasil, diversas produções foram criadas a partir de obras literárias ou radiofônicas, como é o caso de *Jerônimo, o herói do sertão*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo se desenvolve em torno da análise de um programa originado no rádio. Mesmo assim, parte do referencial empregado na pesquisa que baseia este texto está voltado para a dinâmica das adaptações no cinema. Tal fato não trouxe prejuízo ao estudo porque essas duas mídias guardam verossimilhança em termos de construção de roteiro. A principal exceção seria, por óbvio, a ausência de imagem. Em seu lugar, entram orientações para o operador de áudio e, no caso do rádio dos tempos de *Jerônimo, o herói do sertão*, para a orquestra.

Campos (2007) define a adaptação como sendo "a transposição de uma estória para outro tempo, lugar, formato ou gênero" (CAMPOS, 2007, p. 293). Segundo o autor, para avaliar um roteiro adaptado, deve-se verificar se os elementos da história são mostrados e não apenas relatados e ela só estará plenamente realizada se for passível de ser sustentada como obra autônoma. Para Campos (2007), esse seria o critério máximo de julgamento do sucesso de uma obra adaptada.

Adaptar implica recompor uma narrativa a partir de sua trama principal, manter as tramas secundárias mais importantes, manter tema e premissa, bem como a essência dos perfis dos personagens centrais. Transpor uma estória para outro lugar ou tempo, mudar o estilo, as estratégias ou o formato da narrativa original não descaracteriza o trabalho como sendo adaptação (CAMPOS, 2007, p. 299).

Sendo assim, são aceitáveis alterações nas obras adaptadas. Contudo, modificações ligadas ao tema, à premissa ou à essência dos personagens podem descaracterizar a obra como adaptação, caso sejam feitas de maneira drástica.

Tratando especificamente sobre as particularidades do roteiro de rádio, Kaplún (2017) aponta três elementos necessários: conteúdo, história e personagens.

O conteúdo pode ser descrito como a reflexão que se deseja trazer ao ouvinte. É a intenção por trás da obra, seu motivo maior de ser. Todos os elementos da trama – história, ação e personagens – devem traduzir essa ideia sobre a qual a obra é trabalhada.

No que tange ao objetivo, o radiodrama pode ter duas naturezas: didática ou formativa. No caso da didática, também chamada de informativa, busca-se transmitir uma informação com fins de divulgação ou de ensino. Conforme alerta Kaplún:

Não são aceitáveis personagens que, no meio da ação, começam a expressar uma erudição de catedráticos e se põem a dar uma aula ou a defender uma tese dissimulada, além de demonstrar uma memória incrível para lembrar no momento dados, números, nomes, citações etc. (KAPLÚN, 2017, p. 324).

Trata-se, portanto, de um terreno bastante perigoso na medida em que esse tipo de narrativa tem o potencial para se tornar rapidamente enfadonha quando repleta de informações enciclopédicas exibidas de forma sucessiva.

Quando o radiodrama tem caráter formativo, sua proposta é fomentar a reflexão. Esta, segundo o autor, é a principal vocação do radiodrama, podendo ser explorada de diversas formas, alcançando assim a consciência do ouvinte.

A segunda característica fundamental para a estruturação do radiodrama é a história. Ela pode ser real ou imaginária, mas deve sempre inserir-se no âmbito das vivências do ouvinte. Kaplún (2017) aponta como regra básica que a ação fale por si mesma, sem legendas que a traduzam. Não é necessário que tudo seja explicado, deixando parte da tarefa de decodificar para o ouvinte. E este é o papel da trama: fazer com que determinada mensagem seja transmitida, sugerindo-a de forma implícita através dos fatos apresentados. O autor afirma também que o princípio da ação dramática é o conflito.

O terceiro elemento essencial apontando por Kaplún (2017) são as personagens. Estas devem ser consistentes e convincentes, de forma a cativar a audiência. A construção destas personagens deve ser extremamente detalhada e criteriosa para que sejam encaradas como pessoas reais e não como robôs ou marionetes. Ele afirma que uma história não vale a pena

ser escrita se não se ilustra um conteúdo, e por sua vez, um conteúdo necessita de uma história interessante, vívida, humana e personagens de carne e osso.

Jerônimo, o herói do sertão será analisado sob a ótica das teorias de Flávio Campos e Mario Kaplún. Tal escolha se baseia na temática e na abordagem desenvolvida por esses autores. Campos trabalha as nuances da adaptação tanto para cinema quanto para televisão – mídia que também será analisada neste artigo –, enquanto Kaplún é uma das principais referências para explorar os roteiros voltados para rádio.

BASE METODOLÓGICA

Para a presente pesquisa foi escolhida, à luz de Bardin (2009), a técnica de análise documental. Ela está inserida no bojo da análise de conteúdo, método qualitativo pelo qual se constrói conhecimento através da seleção e análise de material, auxiliando na criação de sentido. É tradicionalmente escolhido para análise de escritos e amplamente utilizada em estudos de comunicação e ciências sociais. Ela proporciona o levantamento de indicadores, qualitativos ou quantitativos, que permitem a realização de inferência de conhecimentos. Especificamente sobre a análise documental, Bardin (2009) apresenta a seguinte definição:

A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação). A análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categórica temática é, entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo. O objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma ou outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 2011, p. 52).

Ainda de acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo pode ser organizada em três momentos: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material e (3) a análise de resultados: inferência e interpretação. Sobre a amostra necessária para a aplicação desse método, o autor explica que "nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermos-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante" (BARDIN, 2009, p. 123). Em suma: um grande

volume de conteúdo não é condição necessária para a realização de um trabalho de análise rigoroso. O aspecto mais importante é a relevância.

Além do texto original para o rádio, foram selecionadas duas adaptações: a telenovela exibida pela TV Tupi em 1972 e a história em quadrinhos publicada entre 1957 e 1966. O principal critério que balizou a escolha dessas duas adaptações teve que ser a disponibilidade do conteúdo, pois se tratavam de materiais muito raros. Uma vez reunidos, foi possível catalogá-los por data e mídia. Em seguida, tudo foi assistido, decupado e submetido à análise a partir de critérios inspirados na definição dada por Campos (2007) para adaptação: (1) tema; (2) perfil das personagens; (3) tempo e lugar. Assim, foi possível avaliar se a estrutura de sentido válida para uma obra foi mantida em suas respectivas adaptações, desvendando quais os possíveis limites técnicos que balizam esse processo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O tema de *Jerônimo, o herói do sertão* se preserva essencialmente o mesmo no rádio, na TV e nos quadrinhos. Trata-se do justiceiro que, montado em seu cavalo, percorre as cidades do sertão enfrentando os inimigos que oprimem o povo pobre. Apesar de guardar muitas semelhanças com o faroeste estadunidense, a trama de Moysés Weltman consagrou-se por retratar histórias e arquétipos tipicamente brasileiros: fazendeiros, coronéis, homens do campo e capangas.

Outros aspectos presentes nas três mídias são, por exemplo, a donzela à espera do herói, a luta por justiça e o duelo entre o bem e o mal. No fim do episódio “O caso do atirador de facas”, transmitido pela Rádio Nacional em abril de 1957, pode-se verificar esse duelo:

Jerônimo: Meus amigos! Eu explico o que acaba de acontecer! Este homem que se encontra em minhas mãos, e que fingia ser um simples atirador de facas, é o Caveira! Ele e seus capangas me atraíram para uma armadilha e pensaram ter me desmaiado, mas eu apenas fingi estar desacordado para ver o que pretendiam fazer. Enfaixaram-me todo como se fosse um manequim, e me puseram dentro de sarcófago para servir de alvo aos punhais arremessados pelo Caveira. Fazendo das tripas coração, controlando meus nervos, aguentei sem mexer um milímetro enquanto ele atirava os seis primeiros punhais. E quando veio o sétimo, aquele que devia me matar,

desviei-me rapidamente. E assim uma vez mais, Jerônimo escapou de morrer vítima de um plano covarde. Porque o bem sempre triunfa sobre o mal!

Várias são as práticas criminosas executadas pelos bandidos da série, como furtos, assassinatos, roubos e sequestros. Vilões como Caveira se aliam aos coronéis das cidades por onde passam para destruir Jerônimo. Esses coronéis, por sua vez, almejam aumentar seu poder e enriquecer às custas da população. A esperança para aqueles que vivem essa rotina de opressão é Jerônimo e seu companheiro Moleque Saci atendam seus pedidos de ajuda e reestabeleçam a ordem.

No tocante às aventuras, nota-se que elas permanecem essencialmente as mesmas nas três mídias analisadas. Em relação à complexidade e ao aprofundamento da trama, é possível notar que a versão para rádio é a mais rica em detalhes: os dramas pessoais e o desenrolar das ações são descritos de forma minuciosa. Por não contar com o recurso da imagem, ao contrário das histórias em quadrinhos e da novela exibida na TV, o roteiro para rádio possui alto grau de detalhamento, auxiliando na construção da imagem na mente do ouvinte. Assim, o público é capaz de, através dos detalhes fornecidos pelo roteiro, obter insumos para criar suas próprias imagens mentais. A principal característica dessa relação desenvolvida pelos ouvintes com as radionovelas é a existência de um conteúdo imagético pessoal e intransferível, na medida em que, mesmo que sejam fornecidas descrições detalhadas, cada ouvinte tende a construir, através da imaginação, a sua própria visão daquilo que ouviu.

Sobre as personagens, merece destaque o caso do Moleque Saci. Tanto no rádio quanto na TV e nos quadrinhos, ele tem forte sotaque interiorano. Com falas bastante caricatas, algumas até com erros de português, atua com humor e ar trapalhão. No radioteatro, essa personagem mantém um ar mais ingênuo e juvenil. Em algumas passagens, tanto Aninha quanto Jerônimo adotam um tom professoral, ensinando algo para Moleque Saci – fosse a pronúncia correta de alguma palavra ou a explicação sobre algum fato cotidiano.

A opção pelo tom educativo foi abordada por Kaplún (2017) como natureza didática. Ele ressalta, porém, a dificuldade de contar histórias com esse viés sem que as mesmas se tornem enfadonhas para o ouvinte. Analisando o caso de Jerônimo, é notório esse tom didático, mas ele surge de forma muito leve e natural. Um exemplo disso pode ser encontrado

no episódio "O caso do atirador de facas", transmitido em abril de 1957 pela Rádio Nacional, no qual Aninha explica para Moleque Saci o que é um sarcófago.

Moleque Saci: Aninha, os faxineiros do circo ou serventes, sei lá o que é, tão colocando o boneco encostado numa espécie de caixa.

Aninha: Aquilo, Moleque Saci, é um manequim imitando uma múmia egípcia. A caixa em que apoiou a múmia tem o nome de sarcófago.

Moleque Saci: Ah, eu já li qualquer coisa sobre isso! É Aninha, é! Muita gente boba pensa que múmia ressuscita né?

Aninha: Ah, lenda né? Até hoje, desde que o mundo é mundo, nunca uma múmia ressuscitou!

Em termos físicos, Moleque Saci é descrito no rádio como negro, sendo representado assim em todas as demais mídias analisadas. Nos quadrinhos e na TV, era uma personagem de baixa estatura, algo que não é claramente definido no rádio. Na TV Tupi, o Moleque Saci foi interpretado pelo humorista Canarinho, um adulto de baixa estatura. Já Jerônimo é caracterizado nos quadrinhos e na telenovela como um homem branco e alto. Nos quadrinhos, seu cabelo é curto e escuro, enquanto na telenovela de 1972, o ator Francisco di Franco o interpretou com cabelos longos, refletindo o padrão estético dominante nos anos 1970. Apesar das diferenças apontadas, um item se mantém idêntico nas duas obras visuais: o lenço no pescoço. Diferente de seu parceiro Moleque Saci, o "herói do sertão" não apresenta sotaque marcante no rádio ou na TV, tampouco possui qualquer tipo de caracterização regional em suas falas nas histórias em quadrinhos. Aninha, a noiva de Jerônimo, também possui características físicas diferentes na TV e na história em quadrinhos. Na versão impressa, sua personagem tem cabelos curtos e escuros, enquanto na versão da Tupi, a personagem, interpretada por Eva Christian, tem cabelos longos e loiros.

Tanto nos quadrinhos quanto no radioteatro e na telenovela, Jerônimo é originário da cidade de Serro Bravo e suas aventuras se passam em outras cidades fictícias que seriam próximas, como Morro Queimado, Mata Virgem e Águas Claras (AGUIAR, 2007).

Quando escreveu *Jerônimo, o herói do sertão* para o rádio, Moysés Weltman imaginou, a princípio, uma história passada nos pampas gaúchos. O autor, porém, optou por levar a trama em direção ao norte, mas sendo cauteloso em não definir uma localização que a tornasse marcadamente regional (AGUIAR, 2007). Isso acabou por facilitar a assimilação da

trama a nível nacional. O ambiente tem um ar predominantemente rural, que fica mais evidente nas histórias em quadrinhos. Nele, há paisagens como desfiladeiros, grandes campos e fazendas, o que não foi tão explorado na televisão, o que seria tecnicamente muito desafiador, uma vez que demandaria gravações em locações ou a reprodução em uma cidade cenográfica. As três versões ocorriam no tempo presente da época em que foram realizadas – anos 1950 e 1970 –, não se tratando de narrativas futuristas, tampouco de época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que é grande a similitude entre as versões para TV e quadrinhos com o roteiro original feito para rádio. Há algumas diferenças pontuais, mas elas não representam perda de sentido.

Merecem ser ressaltadas as diferenças na aparência. Apesar de notórias, elas não descaracterizam as personagens, pois as personalidades foram mantidas. Jerônimo é firme, educado e valente, sem perder o senso de humor. Já Aninha é doce, educada e carismática.

Também se observa a presença de um tom didático na versão radiofônica que não se replica nos quadrinhos ou na TV. Pode-se inferir que uma das causas disso seja a composição da audiência da época. Durante o dia, o rádio era ouvido principalmente por donas de casa. No fim da tarde, o rádio passava a alcançar toda a família, incluindo as crianças. Seria, portanto, natural que as aventuras vividas por Jerônimo, apresentadas às 18h35min, proporcionassem, além de entretenimento, algum grau de conteúdo educativo. Mesmo sendo uma série de ação, ela carregava valores éticos e morais, como a eterna vitória do bem sobre o mal.

Outra diferença está relacionada à densidade narrativa, especialmente entre as versões para rádio e para quadrinhos. Na primeira, as histórias têm enorme riqueza de detalhes e um desenrolar mais elaborado do suspense. Já na segunda, as aventuras se solucionavam de forma mais simples e direta. Uma justificativa para isso reside no fato de que, em narrativas onde não há o recurso visual, como no caso do radioteatro, se faz necessário um esforço adicional para que o ouvinte seja transportado para dentro da história. Sendo assim, as histórias escritas

são obrigadas a terem um maior grau de detalhamento, tão necessário para conduzir o leitor e envolvê-lo no drama.

Quando se vê uma cena de filme ou um quadrinho, imediatamente se identificam quais os elementos presentes ali. Já ao ouvir ou ler uma história, faz-se necessário um esforço de imaginação, que será particular de cada indivíduo. Ao assistir um produto audiovisual nascido de adaptação, aumenta a chance de frustração por parte do público: na medida em que a escolha dos detalhes já está dada por aqueles que produziram a obra, é possível que isso não corresponda ao que foi previamente concebido na mente de quem consumiu ambas as obras – a original sem imagem e a adaptação com imagem. Tal quebra de expectativa pode levar a uma reprovação da adaptação por parte do público.

Um fato altamente relevante no caso de *Jerônimo, o herói do sertão* é que Moysés Weltman foi o autor não apenas do radioteatro, mas também da versão em história em quadrinhos e da novela exibida pela TV Tupi. Tal presença foi decisiva para garantir uma maior homogeneidade entre as diversas adaptações.

Seguindo os critérios explicitados no artigo, foi posto em evidência que tanto a história quanto suas personagens, o tempo e o lugar se mantiveram preservados em todas as versões. Por conta disso, a identificação é facilitada para os fãs da série. Os elementos principais da história foram cuidadosamente mantidos e, quando sofriam alterações pontuais, não se desviavam do propósito delimitado na obra original. A principal exceção foi o caso do Moleque Saci, que, apesar de ser apresentado de forma mais juvenil tanto no rádio quanto nos quadrinhos, na TV é representado por um adulto.

Como visto através do exemplo de *Jerônimo, o herói do sertão*, as adaptações abrangem inúmeras possibilidades de realização, ainda que mantendo sua essência original. A construção de sentido pode ser atingida por inúmeros caminhos e, através da manutenção de alguns aspectos, é possível preservar o cerne da narrativa. Não há, portanto, uma fórmula acabada, mas vários possíveis caminhos a serem adotados por aqueles que pretendem adentrar na prática da adaptação – ou tão somente analisá-las.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. Florianópolis: Insular, 2017.

SALVADOR, Roberto. **A era do radioteatro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.